

A CACHOEIRA DE PAULO AFONSO E O NORDESTE

APOLÔNIO SALES

O aproveitamento do potencial hidrelétrico de Paulo Afonso sempre foi considerado uma das mais vigorosas possibilidades de incremento ao progresso econômico e social da região. Durante séculos, porém, a cachoeira clamou inutilmente pela ação do Poder Público. Apesar da tentativa pioneira de DELMIRO GOUVEIA, data de menos de vinte anos a primeira iniciativa governamental, nesse campo. Entretanto, sete Estados nordestinos já se beneficiam, atualmente, dos 310 000 kWh produzidos pelos geradores da Hidrelétrica do São Francisco; cinco mil quilômetros de cabos de alta tensão cortam a região calcinada; e toda a energia produzida encontra consumo imediato, seja no acionamento de novas e velhas indústrias, seja na melhoria das condições de vida de numerosos centros populacionais. Resta, agora, levar a energia produzida, como fator de progresso econômico e bem-estar social, às áreas rurais do Nordeste. E a esse respeito é oportuno lembrar o seguinte: ao próprio autor do artigo se deve excelente projeto que, apresentado há cerca de quinze anos à Câmara dos Deputados, não se converteu até hoje, infelizmente, no instrumento legal para tornar realidade, tanto na região nordestina como no resto do país, os benefícios da eletrificação rural.

PAULO Afonso foi, largo tempo, a síntese de toda a beleza agressiva, rude, torturada, da paisagem do Nordeste. Ali, naquele recanto distante 400 quilômetros do litoral,

rugia o rio chamado da unidade nacional, forçando a caminhada num degrau de mais de oitenta metros, roçando o dorso nas paredes abruptas de um *canyon* granítico de formas indefinidas.

Paulo Afonso era a poeira d'água esgarçando-se para o céu. Era a cantiga do líquido, ora barrento, ora límpido, chocando-se contra mil desvãos, na amplitude desoladora e desértica do trecho mais sêco do Nordeste.

Paulo Afonso era a atração dos turistas caboclos. Era a admiração dos homens de gravata e o embalo dos sertanejos ribeirinhos. Hoje, Paulo Afonso é bem mais do que isso. É o coração, pulsante e forte, de um nôvo organismo econômico na região que já não pode ser apontada como área de desespero, mas como um palco de ressurreição e de vida.

Graças aos Decretos n.º 8 031 e n.º 19 706, de 3 de outubro de 1945, firmados pelo Presidente VARGAS, e graças à decisão patriótica do Presidente DUTRA, que, em 15 de março de 1948, se decidiu a efetivar o que o saudoso Presidente planejava, ali, nas barrancas sanfranciscanas, as águas indisciplinadas se submetem ao jugo das turbinas. Ali já hoje funcionam geradores com capacidade efetiva de 310 mil quilowatts.

Ao lado da grande central, a trama complicada dos fios, isoladores, transformadores, dispositivos de proteção, e as tôrres apontando o caminho Norte, o caminho Sul, o caminho Este e Oeste. A rêde da CHESF em tôdas as direções se espalha pelo Nordeste.

Já a esta hora, mais de cinco mil quilômetros de cabos de alta tensão, com dezenas de subestações, dezenas de seccionadoras, transportam a energia gerada em Paulo Afonso para sete Estados nordestinos, vitalizando-lhes as indústrias, levando o conforto a mais de trezentas localidades.

A caminhada prossegue. Já no dia 1.º de março festejamos oficialmente a chegada da energia na área do Rio Grande do Norte. Chegamos a Santa Cruz, cêrca de 100 quilômetros da Capital. A linha de transmissão ficou concluída e energizada em período de experiência, desde o dia 7 de fevereiro.

Na direção de Fortaleza prosseguiremos os trabalhos. Já em Milagres, continuamos os estudos e os trabalhos de prosseguimento até a capital cearense. Lá haveremos de estar no fim do ano vindouro.

Tôda a energia gerada em Paulo Afonso está sendo consumida. Não estivéssemos atentos e teríamos racionamento já no ano vindouro.

Felizmente que isso não acontecerá, pois estamos instalando mais uma turbina para a qual compramos, em novembro de 1962, um gerador de 65 mil quilowatts que deve estar montado no comêço do ano próximo, em tempo de atender à demanda crescente de energia.

Mas, não é só. Foi concluído pela CHESF o contrato de um empréstimo no Banco Interamericano de Desenvolvimento. Quinze milhões de dólares estão à nossa disposição e já estão feitos os convites, às firmas de maior conceito, para que apresentem suas propostas. A CHESF vai adquirir mais três turbinas e respectivos geradores, num total de mais 240 mil quilowatts. As obras de hidráulica necessárias para tal programa estão em andamento. A caverna, escavada na rocha, a oitenta metros abaixo do nível da barragem, já está por concluir.

A central de Paulo Afonso, ao término destas obras previstas para 36 meses, constará de três unidades geradoras de 60 mil quilowatts, três de 65 e mais três de 80 mil, uma potência hidrelétrica de 615 mil quilowatts, fora o refôrço térmico da usina de Cotegipe, anexada ao sistema e que acresce mais 20 mil quilowatts na região da Bahia.

Mas, tamanho potencial é apenas uma parcela do que a Providência Divina reservou para o tão injustamente mal-sinado Nordeste. Se excluirmos a fenomenal concentração de energia hidráulica registrada na área de Sete Quedas, em nenhuma parte do país se apontam as possibilidades que se encontram em Paulo Afonso e seu sistema.

Na própria cachoeira, com a regularização de Três Marias, podem-se adicionar já agora turbinas e geradores até um total de 1 250 000 quilowatts. Tanto quanto Furnas quando se esgotarem as suas possibilidades. Mas não ficam aí as condições excepcionais da CHESF. Três dezenas de qui-

lômetros à jusante da Paulo Afonso, no *canyon* constituído de verdadeiro paredão granítico por onde fluem as águas que serviram à Paulo Afonso, uma barragem de 115 metros, sem maiores problemas de engenharia hidráulica, sem percalços de desapropriações de vulto, sem inutilização de terras aráveis em região de escassas terras, garantem, entrosando-se no sistema, mais 1 700 mil quilowatts (F. C. 70%). Tal como acontece no projeto de Urubupungá, que também consta de duas centrais, na área de Paulo Afonso chega-se à barreira dos 3 milhões de quilowatts.

Mas, não é tudo. A Comissão do Vale do São Francisco acaba de concluir o estudo básico da construção da barragem de Sobradinho. De acôrdo com êsse estudo, será uma **reprêsa** maior do que a de Três Marias. Essa obra beneficiará imediatamente Paulo Afonso, aumentando-lhe o potencial pelo aumento de vazão do rio, regularizada pelo gigantesco reservatório. Refletirá igualmente na previsão do *canyon*. A potência total do sistema passará, sem exageros e até com parcimônia, à soma de 5 360 000 quilowatts.

E, se um dia, se quiser também crescer ainda mais o potencial hidrelétrico à disposição dos sete Estados nordestinos, haverá o recurso da barragem de Itaparica, atingindo se com ela a um total de 7 700 000 quilowatts.

Não pensem os leitores que nestes números há algo de fantasia. Não, nada disso. As cifras citadas firmam-se em anteprojetos e concepções existentes, cujos dados decorrem de investigações e levantamentos dignos de fé.

Êsse privilégio, de que se pode orgulhar o Nordeste, de dispor de um potencial de energia tão significativa condicional, para ser aproveitado, além das obras hidráulicas correspondentes, uma extensa e bem construída rêde transportadora de energia para grandes distâncias. Adensa-se a população nordestina sòmente ao longo do litoral. Sete Estados da Federação dependem hoje do potencial de Paulo Afonso. Cabos de alta tensão ligam Paulo Afonso a Salvador, Aracaju, Maceió, Recife e João Pessoa. Neste momento já as linhas principais se estendem em direção a Natal, atingindo Santa Cruz, a menos de cem quilômetros desta capital. Outra linha, que será talvez a mais extensa do país, ruma

para Fortaleza, já se encontrando em Milagres, a cêrca de 450 quilômetros da meta que se espera conquistar em dezembro de 1964.

Ao mesmo tempo que se distendem as novas linhas para outras localidades, já está previsto o refôrço das linhas-tronco. Com recursos do empréstimo citado mais uma linha de transmissão de 400 quilômetros, de 220 mil volts, será lançada para Salvador, enquanto uma outra de igual característica será levada para o Recife.

Seria um enumerado maçante, neste artigo, citar tôdas as pequenas linhas de tensão mais baixa em construção ou recentemente construídas pela CHESF. Linhas de 220, 132, 33 e finalmente de 13.8 kV recortam o céu nordestino em tôdas as direções, entrosando-se com o que de substancial neste mesmo setor vêm fazendo as administrações estaduais, que preparam as diversas localidades para o recebimento da energia do rio São Francisco.

Ainda a CHESF se orgulha de sua missão pioneira em determinadas regiões do Nordeste. Na sua caminhada para Fortaleza a CHESF já está servindo a tradicionais localidades do sertão.

Juazeiro, célebre domínio do venerado Padre CÍCERO, Crato, empório de algodão de altas qualidades, Barbalha, Missão Velha e quatro outros municípios aí estão sob o impacto renovador da energia de Paulo Afonso. Engenhos de rapadura encerram o ciclo da destruição das matarias. Os motores elétricos tocam as moendas, num duplo papel de criadores de riqueza e salvadores das últimas reservas vegetais.

Não se pense que é sem percalços o papel pioneiro que ressalto. O serviço que se presta, muitas vêzes é esperado como dádiva, o que não pode ser porque não teria consistência de recuperação econômica.

Mas, tudo vai caminhando com índices bem grandes de vitória, superando de muito os revezes.

Aí mesmo no alto sertão cearense a CHESF fundou uma entidade distribuidora de energia, a CELCA. Dessa entidade participam o Govêrno do Estado, a CHESF, particulares e Prefeituras, financiadas estas pelo Banco do Nordeste, no montante do capital por elas subscrito.

A CHESF vai desempenhando o seu papel a contento. Sete cidades estão eletrificadas e dez brevemente serão integradas no sistema. As linhas que ela constrói, de 13.8 kV, com recursos próprios e, em maioria, da SUDENE, mediante convênios, se espalham para atingir novas localidades. Milhares de consumidores já dela recebem energia.

Por tôda parte onde a CHESF chega, silenciosamente, sem alarde, vai colhendo uma impressão confortadora. A de que está sendo útil, está sendo disputada, está cooperando para o surgimento de uma nova razão de esperanças. A CHESF é bem uma reação contra a aura de desespero que se teima fazer soprar sôbre o Nordeste.

Quanto mais em contato com a realidade nordestina e com os programas da Companhia Hidrelétrica do São Francisco, tanto mais me convenço de que a Cachoeira de Paulo Afonso é algo mais do que o ponto central da maior concentração de energia hidrelétrica do Nordeste. É, acima de tudo, uma reserva providencial de motivos de confiança. Esta outra espécie de energia de que não podem prescindir os milhões de nordestinos, que ainda acreditam num ressurgimento econômico e numa recuperação social e política para a sua torturada, mas tão querida, região.